**Laços afrouxados: a ausência de Eros e Psiquê nos relacionamentos modernos**

*Daniela Sousa de Marques Martins*

*Eliane Berenice Luconi*

“E assim é numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados”.

Bauman

O presente artigo tem como objetivo traçar um paralelo entre o Mito Eros e Psiquê e os moldes que vem regendo os relacionamentos na nossa modernidade. Desta forma, o intuito é tecer as considerações que retratem as particularidades do mito, dando ênfase as tarefas executadas por Psiquê.

Enfatiza assim alguns aspectos que possibilitaram o cumprimento das tarefas, mediante o que fora exigido por Afrodite. Com isso, sugere ao leitor, especialmente os enamorados, o despertar de um olhar atento em torno de suas relações e suas dinâmicas de funcionamento, a fim de observar se Eros e Psiquê estão se fazendo presentes, pois é por meio de sua presença, que o amor consegue fazer morada e resplandecer na alma dos envolvidos.

Entretanto, assim como discorreremos mais adiante, o amor no seu sentido mais amplo, aquele que podemos ver no mito de Eros e Psiquê, é construído. É repleto de belezas no seu desabrochar sim, mas muitas vezes, é atravessado por sinuosos desafios. Muito do seu alicerce, força, brilho e magnitude, vem por meio do enfrentamento das tarefas que a vida vai apresentando, ao longo da nossa caminhada.

Como sinaliza Jung (2013, p.123, §234): “O amor custa caro e nunca deveríamos tentar torná-lo barato. Nossas más qualidades, nosso egoísmo, nossa covardia, nossa esperteza mundana, nossa ambição, tudo isso quer persuadir-nos a não levar a sério o amor. Mas o amor só nos recompensará se o levarmos à sério.”

Em contrapartida, a pós modernidade parece que vem se esquecendo de buscar o amor no seu aspecto mais amplo. Arrisco dizer, não temerosamente, que o amor vem sendo de certa forma, banalizado. Obviamente, isso não descreve a totalidade, mas sim, um número extremamente significativo que acaba aguçando os meus pensamentos e sentidos, me inclinando na escrita do presente artigo.

Assim, convido Eros a aqui adentrar, e com a sutileza de sua beleza e toda a magnitude, que o seu amor representa, flechar-nos. Para que assim, sejamos irradiados, de tal modo, que não permitiríamos mais pensar em nos relacionarmos, sem a sua ilustre presença.

**Os relacionamentos na contemporaneidade**

A sociedade na qual vivemos tem estruturado as bases de seus relacionamentos, aos moldes do capitalismo. O contexto ao qual faço alusão é de um tratamento das relações que mais parecem visar um protocolo de informações que asseguram a aquisição de um produto do que vivenciar a relação em si, que envolve entrega e os riscos, características que fazem parte de um contexto natural, quando nós nos disponibilizamos afetivamente ao outro.

Corroborando com esta constatação, Bauman (2004, p. 22) nos atenta que

a promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a “experiência amorosa” à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço

Desta forma, os cenários destoam entre si. Já que o padrão que a contemporaneidade vem acreditando existir, não dialoga com os resultados, que eles esperam das ações que vem colocando em prática. Ou seja, há uma busca ardente por viver a experiência amorosa em sua plenitude, mas, em contrapartida, imaturamente, esquecem-se que para obter tal feito, precisam da entrega, do esforço, do diálogo, da perspicácia e da tão importante, paciência.

Cada vez mais, assistimos ao cenário de pessoas que querem se relacionar sem se envolver. Sexo tem deixado de ocupar o lugar da intimidade e assim, passado a ser banalizado, restringindo-se a um aspecto meramente instintivo. Um “fast food” de corpos sedentos por prazer, uma busca incessante pelo mundo dos instintos e distanciamento, concomitante do mundo do Ser, em essência. Vargas Llosa (2003, p. 46) enfatiza que

o sexo puramente instintivo e animal desafoga uma necessidade biológica, mas não enriquece a vida sensível e emocional, e nem estreita a relação do casal para além do embate carnal; em vez de livrar o homem e a mulher da solidão, passado o ato urgente e fugaz do amor físico, devolve-os a solidão com uma sensação de fracasso e frustração

Já de acordo com Harding (2007), a nossa civilização ocidental acabou distanciando-se dos aspectos mais instintivos de Eros, trazendo uma certa superficialidade de Eros com o mundo, o que culminou com o empobrecimento dos relacionamentos a ponto de eles tornarem-se gastos e estéreis.

É de vital importância lembrar que Eros não é sexo, Eros é relacionamento, e relacionamento é construção. Relacionar-se diz respeito ao desabrochar da beleza do mundo interno. É o desnudar-se ao outro, mas isso não se restringe a tirar as vestes, e sim despir-se em termos de alma, podendo deixar que o outro, ao qual se deseja conectar, possa ver seu verdadeiro eu e compartilhar o seu também. Eros é o arquétipo do amor. O amor dialoga com a intimidade e a intimidade é a experiência sagrada da alma.

Os relacionamentos modernos tem vindo na contramão de Eros. Eles vêm sendo demarcados por laços frouxos. O laço é frouxo mesmo, e o é, propositalmente. Há a intenção de ligar-se e conectar-se rapidamente ao outro, mas não há um desejo, propriamente dito, em se comprometer.

O nó frouxo facilita a rápida e escorregadia saída. É a iminente ideia de fuga facilitada e pueril, que evita os aspectos sombrios, que também estão presentes nos relacionamentos. Tem-se a pretensão de ficar com o bom, com o prazer, com o que resplandece e brilha. Mas não se quer arcar com qualquer tipo de desavenças, diálogos, frustrações. Entende-se que tudo isso é chato e dá muito trabalho.

Deseja-se obter o brilho da prata, mas nem se quer pensa-se em ter o trabalho de lustrar o que se preteja nela. Assim como a prata, as relações precisam ser lustradas de tempos em tempos. Conversas, reflexões, desabafos, e busca em achar caminhos de intersecção entre os quereres é o que possibilita o polimento das relações.

O que se evidencia é que, no nosso líquido moderno mundo, as relações começaram a evidenciar uma tendência a se querer praticidade, imediatismo, satisfação instantânea, resultados e gozos das mais variadas formas, sem a exigência e muito menos um comprometimento de um investimento a longo prazo. Que lástima. Relacionar-se, exige entrega e envolvimento (Eros) ao passo que também clama por dedicação e paciência (Psiquê).

**O Mito: Eros e Psiquê**

A mitologia grega nos conta a história de um rei e uma rainha que tinham três filhas muito belas. A caçula, chamada Psiquê, era inestimavelmente bela, faltavam palavras para descrever a exuberante beleza desta mortal. Os boatos sobre a magnífica moça, começaram a se espalhar aos arredores das cidades vizinhas, chegando a vários países até disseminar-se por toda a parte. Sendo assim, foi atraindo o interesse dos homens mais influentes e ricos, que começaram a se deslocar para perto dela, como forma de adorar e cultuar sua perfeição.

Sua esplendorosa beleza foi comparada a própria Deusa Afrodite, conhecida e sempre reverenciada por ser a deusa do amor, da beleza e da sexualidade. Os templos da Deusa Vênus, passaram a ser desmemoriados, largados ao relento, propriamente dito. O culto passou a ser dirigido à Psiquê, sacrifícios e alimentos eram oferecidos para a nova deusa, aquela dotada da mais pura beleza virginal.

A fúria de Afrodite então é despertada. Tomada de ódio e em um desejo de vingança, ela mesma vai até Eros, seu filho, o Deus do amor, e exige que ele lance uma flecha em Psiquê, com o intuito que a mesma, apaixone-se pela criatura mais horrorosa dos homens. Entretanto, quando Eros se depara com a bela Psiquê, ele é quem se apaixona pela bela mortal. Contrariando as exigências de sua mãe, ele pede a Apolo que conceda esse casamento.

Devido ao casamento ter sido concedido sem a permissão da Deusa Afrodite, Eros faz uma determinação à Psiquê, de que a mesma não poderá vê-lo, para que assim, a sua identidade de Deus possa ser protegida. Sendo assim, somente aparece para ela durante a noite.

Psiquê passa a viver no lindo palácio do Deus do amor, com tudo que ela tivesse direito para poder usufruir e com servas a seu dispor. No calar da noite, Eros aparece e faz de Psiquê sua mulher. Mesmo em completa escuridão, ela escuta sua doce voz e sente a ternura que o envolve, logo apaixonando-se por ele.

Fica sempre intrigada como seria o seu amor, mas segue obedecendo a restrição de não poder vê-lo, mas com a garantia da felicidade eterna estando ao seu lado. Até que, depois da visita das irmãs no castelo, que sentindo inveja da vida que Psiquê estava levando, inventam uma história que seu amado era um monstro terrível prestes a devorá-la.

A curiosidade aflora na bela moça, e depois de uma noite de amor com o amado, ele logo adormece, e ela então pega em uma das mãos um candeeiro para poder, enfim, enxergá-lo, e na outra leva punhal para “abater o possível monstro” que teme encontrar ali em sua cama.

Entretanto, quando a luz incide no rosto do marido, o que reflete ali é o mais belo dos deuses, o deus do amor, Eros. Entristecida, ao se dar conta do erro que cometera ao duvidar da palavra do amado, Psiquê pensa em cravar o punhal em seu peito, mas ao olhar novamente para aquela criatura tão bela, desiste de dar fim a sua própria existência e tem a sua alma acalentada, novamente.

Ali, ao lado da cama, estava o arco e as flechas de Eros. A curiosidade de Psiquê a convida a tocá-los, mas acaba se ferindo e essa experiência com o sangue que sai da flecha, faz com que ela, apaixona-se, perdidamente, pelo próprio Amor. Ao beijar o amado, anestesiada de profunda paixão, deixa escorrer uma gota de óleo fervente do candeeiro que carregava. A dor, acorda Eros, que rapidamente se afasta da jovem, pois ela descumprira o acordo que tinham de não o ver, apenas senti-lo.

Psiquê sofre, desolada, a partida do amado. Sente-se profundamente arrependida e confusa ao pensar o que poderia o trazer de volta a seus braços, e assim, acaba se dirigindo até o palácio Afrodite a procura de e Eros. Entretanto, a deusa do amor, tomada por indescritível raiva e sedenta por vingança, confere a Psiquê a incumbência de realizar quatro tarefas, humanamente impossíveis, para então, poder obter a sua ajuda.

A ingênua menina, nem imagina que Afrodite, estava na realidade, tramando um plano para que a mesma morresse durante as execuções e que colocasse, assim, em risco a semente que carregava no seu ventre. Nem mesmo se dá conta de que Eros a ama com toda a força de sua alma. Psiquê, apesar de estar sem o brilho, amor e desejo, atributos esses que Eros a despertava, decide tentar realizar as tais tarefas, a ela desafiada.

A primeira delas consiste nela separar grande quantidade de grãos: trigo, cevada, milho, grão-de-bico, sementes de papoula, lentilhas e favas por espécie e assim que a labuta fosse realizada, deveria mostrar a Afrodite até a noite. A menina pasma com a impossibilidade de concluir a tarefa exigida, fica estática, em silêncio. Uma formiga que passava por ali se compadece da árdua exigência imposta e se põe a trabalhar, incansavelmente com outras formigas, até que finalizam a tarefa e logo desaparecem.

Vênus fica perplexa por Psiquê ter concluído a tarefa e a lança o segundo desafio. Este, consistia em retirar flocos de lã de ouro das ovelhas ferozes que viviam às margens do rio. A moça pensa em utilizar as águas do rio para suicidar-se pondo assim, fim ao sofrimento que a consumia. Entretanto, um caniço verde lhe explica, detalhadamente, como funciona a rotina dos carneiros, para que assim, Psiquê pudesse com toda a paciência, esperar o melhor momento, e ir então pegar a lã de ouro, sem correr riscos. Assim ela o fez, e entregou mais esta tarefa realizada.

Sem dar créditos a mais esse êxito na execução de Psiquê, Afrodite engata a terceira impiedosa tarefa. Esta englobava ir até a escorregadio rochedo que desembocava as águas escuras do terrível rio Estige e encher uma jarra dessas águas espumantes.

Ela se apressa, no intuito de novamente pôr fim a sua triste existência no íngreme rochedo. Perplexa da impossibilidade de sua execução, a águia real se dirige a Psiquê e pede que lhe entregue a jarra e com os balanços do seu voo, consegue enchê-la, entregando a menina. Ela, confere a Vênus mais essa missão concluída com sucesso.

Ainda mais enraivecida com essa outra execução, ela lança a quarta, última e mais terrível das tarefas. Entrega-a uma caixinha e exige que Psiquê desça até o inferno e encontre Perséfone, e a diga que Vênus quer que ela deposite, ali dentro, um tanto da beleza imortal que lhe pertence, já que a sua, se esvaiu no ardo trabalho que vem desprendendo, ao cuidar do filho adoecido.

Sentia que teria insucesso nesta tarefa, pois sabia dos perigos que envolviam descer até o Hades, em busca da poção de beleza da rainha do inferno. Avista uma grande torre e vai até lá, na intenção de se jogar. Eis que a torre passa a dialogar com a moça, explicitando cada um dos detalhes, que devem ser rigorosamente seguidos por ela, para que cumpra a tarefa em segurança.

Com a sapiência compartilhada da torre, Psiquê executa a tarefa e no retorno à superfície, portando a poção da beleza contida na caixinha, se vê tomada pela curiosidade. Deseja abrir o conteúdo resgatado, com o intuito de incorporar um pouco a beleza imortal que ali continha. Ao abrir, Psiquê cai adormecida, como morta.

Eros, curado de seu ferimento, vai até o Olimpo, explica todo o ocorrido a Zeus e pede sua concessão para poder se casar dentro das normas dos deuses, oficialmente. Zeus aceita sua reinvindicação, e ele parte ao encontro de sua Psiquê. Ao encontrá-la, colocou o sono letárgico de volta na caixinha, despertando assim, a bela esposa com o brando toque de uma de suas flechas.

Ambos se dirigem ao Olimpo, onde fostes celebrado um casamento legítimo entre eles com a presença de todos os deuses. Zeus, a entrega uma taça da bebida dos deuses, e assim Psiquê, torna-se imortal. Foi servido um grande banquete de núpcias. E com o passar do tempo, ela deu à luz a filha que carregava no ventre, a qual deram o nome de Volúpia.

**Reflexões do mito sob a óptica da perspectiva junguiana**

A busca de sentido e vivacidade do eu interno faz alusão à espera e ao respeito ao tempo da alma, realidade essa que tem vindo na contramão, com o ritmo acelerado e a ânsia de realizar o máximo de coisas no menor tempo possível, sendo esse os pilares que têm ditado os rumos da pós modernidade.

O mito de Eros e Psiquê nos convida a pensar sobre a integração dos opostos: masculino e feminino; corpo e alma; instinto e espírito em termos de totalidade. Tal integração vai ocorrendo, à medida que Psiquê vai cumprindo as quatro árduas tarefas, adentrando assim, na profundidade que envolve os tais conflitos.

A primeira tarefa é concluída com exímio pelos princípios ordenadores do inconsciente de Psiquê, que são instintivamente ativados. Sendo eles, sua capacidade de: selecionar, peneirar, correlacionar e avaliar, ao ter e separar os grãos.

Na segunda tarefa, Psiquê, entende qual é o melhor momento de agir. Assim, ela espera o calor intenso passar, para que os carneiros fossem descansar, mais tranquilos, ao sentir a brisa fresca do vento que vinha do rio. Ela, escondida em meio ao bosque, deveria então sacudir os galhos das árvores, pois assim, obteria os desejados flocos de lã de ouro, que ali iriam se enroscar.

Psiquê parece estar destinada à morte se não tivesse a sapiência de não enfrentar a fúria despertada nos carneiros, com o calor do sol do meio dia. A saída que tornou seu desfecho positivo foi a conexão com o seu princípio feminino, ou seja, sua criatividade, intuição, flexibilidade e paciência.

A missão da terceira tarefa, que envolve a extrema dificuldade em se obter água da fonte faz analogia à busca da “água da vida”, como sendo a substância que é valiosa, e ao mesmo tempo, árdua de se conseguir. Adquirir água dessa fonte, faz menção a extrair o cerne do fluxo da energia vital. Assim, o desafio consiste em Psiquê conter e assimilar o fluxo energético da vida, sem que o mesmo a destrua.

Os três primeiros desafios passavam pela dificuldade dela em acalmar a sua ânsia de realização, que vem pelo princípio do masculino. Psiquê espera a manifestação do seu feminino (paciência e intuição) para então, posteriormente, agir de maneira mais amadurecida.

Caso ela não tivesse se contactado com essa esfera do feminino e tivesse partido logo para ação, certamente teria morrido na execução já da primeira tarefa. Como esclarece Neumann (1995, p.130,131), “se tivéssemos denominado a plenitude do primeiro trabalho, a perturbadora claridade masculina do segundo, e o excessivo poder energético fecundante do terceiro(...) estaríamos nos referindo ao domínio do masculino”.

Já a quarta e última tarefa, Psiquê precisa enfrentar seu próprio princípio feminino, ao ter que adentrar e circular pelas adversidades advindas das profundezas do submundo. Portanto, esse desafio carrega em si, o símbolo da totalidade.

Na execução de todo o percurso dessa tarefa, ela deverá realizá-lo por si mesma, diferentemente dos outros três, em que ela contou com a “ajuda de animais” que simbolizavam aspectos inconscientes, que residiam em seu mundo instintivo. É preciso transitar nos empecilhos encontrados no abismo do inferno para então, poder emergir à superfície transformada.

Os relacionamentos, regidos pela caminhada do amor, também passam por sinuosas tarefas, assim como as enfrentadas por Psiquê. Quando passamos a nos relacionar com outra pessoa, nossa identidade é revivificada. Eros, quando aparece e lança suas flechas sobre nós, nos mobiliza, dá vigor, brilho, entusiasmo, dá vida colorida e criativa à vida que habita dentro de nós.

Como bem reitera Kast (2016), o desenvolvimento do eu relacional necessita de um relacionamento que seja duradouro, e dentro desse relacionamento, tempo para que haja o encontro propriamente dito, em que possa se vivenciar os bons momentos, mas também aquelas fases em que aparecem dificuldades e perturbações dentro da convivência.

Aí reside a importância da paciência, de ser um observador atento, que enxerga as entrelinhas, vê através de, e assim, pode esperar o melhor momento de agir, frente ao impasse apresentado naquele dado momento. Entretanto, os relacionamentos modernos têm caminhado ao oposto disso.

Eles têm nos mostrado para além da tendência natural que é a busca por conexão. Observa-se uma certa tendência e ânsia veemente por preencher seus vazios internos com a presença do outro. Ao mesmo tempo, em que se nota esse desespero de “estar em conexão”, assistimos um medo que paira, em entregar-se verdadeira e afetivamente a esse outro.

Relacionar-se envolve a possibilidade de sentirmos dessabores no campo afetivo, e essa geração quer as certezas ao invés dos riscos naturais e adjacentes que estar em relacionamento implica. Imaturamente, querem desfrutar do gozo das relações de intimidade, mas doam-se muito pouco de si para isso.

Uma geração que está acostumada com garantias e mais garantias, e que tem feito ou ao menos esperado, um mesmo funcionamento de suas relações. Além disso, têm tido pressa ao tentar instalar um jeito acelerado de viver as etapas oriundas do relacionamento. Neste âmbito, o amor não é capaz de amadurecer e nem de se revelar, como nos ensina o mito de Eros e Psiquê.

Sabiamente, Kast (2016, p. 115) enfatiza que

a aceleração da vida, o sentimento de pressão e correria e a sensação de estarmos perdendo o essencial resultam numa percepção subjetiva, uma falta de tempo. Falta tempo para transformar vivências em experiências que possam ser compartilhadas com outras pessoas e que assim podem ser integradas à própria biografia e vinculadas a outras pessoas

Desta forma, assistimos nos dias atuais, as pessoas querendo encurtar os caminhos que levam ao amadurecimento do amor, como se buscassem imprimir um ritmo “fast food” para as suas relações. Em contrapartida, sabemos que no interior das pessoas, há um desejo intrínseco de viver o amor, em seu aspecto mais amplo. No qual, possam desfrutar da permanência, da companhia e de estar com outro em intimidade e essência.

O mito nos mostra que Psiquê faz toda uma caminhada, enquanto Eros está ali à espreita, cuidando dela mesmo quando longe, até o momento da trama que os dois podem se aproximar, já maduros e transformados para viver e desfrutar desse amor, em sua totalidade.

Sendo assim, concluímos que relacionamento é conexão, é laço é forte, consistente, que gera sustentação e requer a presença de Eros e Psiquê nesse trilhar das transformações que viver o amor exige. O atributo dessa arte de fazer germinar o amor passa pelo trabalho, pelo sacrifício. É um mistério que diviniza os enamorados, é o sagrado ofício.

**Referências**

BAUMAN, Z. (2004). Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar

HARDING, M. E. (1985). Os mistérios da mulher: uma interpretação psicológica do princípio do feminino, tal como é relatado nos mitos, na história e nos sonhos. São Paulo: Paulus

JUNG, C. G. (2013). Civilização em Transição: civilização em mudança. 6. ed. Petrópolis: Vozes [OC 10/3]

KAST, V. (2016). A alma precisa de tempo. Rio de Janeiro, RJ: Vozes

NEUMANN, E. (1995). Amor e psique: uma contribuição para o desenvolvimento da psique feminina. 10. Ed. São Paulo: Cultrix

VARGAS LLOSA, M. (2013). A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura. Rio de Janeiro: Objetiva

WERRES, J. (2019). Jung e os desafios contemporâneos. Petrópolis, RJ: Vozes